

tabu



Patrícia Vasconcelos

A senhora dos castings

Em 1989 lançou uma pequena revolução: trouxe os *castings* para o cinema português. Hoje, tem também uma escola de representação e descobriu a paixão pelo canto. Filha de António-Pedro Vasconcelos, cresceu na ex-Jugoslávia e no Zaire com a mãe e com o padrasto, Álvaro Guerra, diplomata e escritor. Diz-se uma aventureira e sente-se pouco portuguesa na forma de viver pág. 26







Patrícia Vasconcelos

“O meu verbo é ir”

Canta, ensina actores e é a rainha dos *castings* em Portugal. Os pais divorciaram-se quando tinha seis meses. Filha do cineasta António-Pedro Vasconcelos, cresceu com a mãe e o padrasto, Álvaro Guerra, na ex-Jugoslávia e no Zaire. A primeira declaração de amor que fez foi em servo-croata e admite que se sente pouco portuguesa

Entrevista de **José Fialho Gouveia**
Fotografias actuais de **António Pedro Santos**

Podemos começar por falar de brincos?

[Risos] Fez um bom trabalho de casa... Os brincos foram mesmo o meu começo, talvez há mais de 25 anos. A Teresa Ricou [fundadora do Chapitô e também conhecida por Tê-tê] tinha um restaurante no Bairro Alto, chamado O Sorriso. O meu pai [António-Pedro Vasconcelos] ia lá com amigos e eu, que sempre quis arranjar formas de ganhar dinheiro para as férias, decidi fazer brincos e vendê-los lá.

Porquê brincos?

Um dia estava a passear na Baixa e fui parar à casa do fornecedor da Casa Batalha. Como tinha a mania dos brincos, fiquei fascinada e comecei a fazê-los. Expunha-os nas caixas de charutos do meu pai e vendia-os de mesa em mesa. Ainda me fartei de ganhar dinheiro [risos].

Os seus pais separaram-se quando tinha seis meses...

Sim.

A sua mãe voltou a casar [com Álvaro Guerra, escritor e diplomata, já falecido] quando?

Quando fomos viver com o Álvaro, eu deveria ter um ano e meio. E quando me perguntavam pelo meu pai eu dizia sempre: ‘Qual deles?’. →



Bilhete de Identidade

Vida de filmes

AOS dez anos partiu para a ex-Jugoslávia com a mãe e o padrasto – Álvaro Guerra, diplomata e escritor. Em Portugal ficou o pai, o realizador de cinema António-Pedro Vasconcelos. Foi em servo-croata que fez a primeira declaração de amor e que viveu as primeiras desilusões. Uma nova missão diplomática da família levou-a para o Zaire, aos 18 anos. Aí casou pela primeira vez. Regressou a Portugal já com 23, começou a trabalhar na organização de uma feira de moda e divorciou-se. Apaixonou-se de novo e viveu com Nicholas Oulman – filho do compositor Alain Oulman. Dessa relação nasceu o primeiro filho. Durante as filmagens de **Aqui D'El Rei**, realizado pelo pai, percebeu que havia um nicho de mercado a explorar no mundo do cinema: os *castings*. Investiu nessa área e tornou-se a principal referência em Portugal no meio. Em 2000 fundou a Act, uma escola de actores. Voltou a apaixonar-se e a ser mãe. No dia do casamento cantou em público pela primeira vez. Foi um presente que decidiu oferecer ao marido. Anos mais tarde, em 2007, lançou o primeiro disco: **Se o Amor Fosse Só Isso**.

De facto tinha dois. Um que vivia comigo e outro que a minha mãe dizia que era o meu pai. E sempre senti por ele um carinho e um amor profundos. Lembro-me de ir com ele para as filmagens. Isso durou até aos meus dez anos, quando me fui embora para a Jugoslávia [Álvaro Guerra foi convidado para fundar a embaixada em Belgrado].

Questionava-se por que razão não vivia com o seu pai?

Para mim era normal. Nunca tive um complicómetro.

Não sentia a ausência da figura paterna?

Não, porque o Álvaro sempre foi como um pai e era um ser humano extraordinário. Fui uma criança feliz.

Reagiu bem quando lhe disseram que iam para a Jugoslávia?

Sim, porque, de facto, não tenho um complicómetro.

Ir para longe do seu pai não a fez questionar a partida?

Não tenho qualquer recordação nesse sentido. Sei que, lá para os 14 anos, passou-me pela cabeça voltar. Durante um Verão em Portugal, até andei, com o meu pai, a ver livros para a escola. Ele queria que

QUANDO me perguntavam pelo meu pai eu dizia sempre: 'Qual deles'?

fossem em segunda mão e eu, menina de embaixada, pensei: 'Em segunda mão? Isto não é para mim.'. E voltei para a Jugoslávia [risos].

Tem imagens das primeiras impressões da Jugoslávia?

Recordo-me de todos falarem uma língua que não entendia. E lembro-me das brincadeiras com os filhos dos outros embaixadores, que viviam no mesmo hotel que nós. Era o máximo. Corríamos pelos corredores, íamos para a lavandaria jogar às escondidas, para a cozinha, escondiamos-nos nos carrinhos dos lençóis...

E a escola?

Em Portugal, como estudava pouco, chumbei no primeiro ano do liceu, no Colégio Moderno. Depois, na Jugoslávia, a minha mãe foi inscrever-me no liceu francês de Belgrado, mas eu não sabia francês. Então, o director explicou que não podia entrar para o equivalente ao primeiro ano. Como andar para trás não é comigo, disse: 'Mãe, diz ao senhor para me pôr durante seis meses no primeiro ano. Se não me aguentar, ele que me ponha para baixo'. Assim foi. Andei obcecada a aprender francês. Foi complicado, mas consegui.

Vivia numa redoma diplomática ou também brincava na rua?

Brincava, principalmente depois de deixarmos o hotel. Aprendi a falar servo-croata e o meu primeiro namorado foi servo-croata.

A sua primeira declaração foi em servo-croata?

Foi. *Ljubim te* [amo-te]. Vou contar uma coisa que nunca contei publicamente. Esse meu primeiro namorado e eu tínhamos uma brincadeira, que era roubar carros [risos]. Não era bem roubar... Ele tinha

um livrinho onde apontava os carros que já tinha conduzido e queria sempre acrescentar mais uma marca. Mas aquilo era completamente inocente. Ele lá arranjava maneira de entrar num carro que tinha visto, dávamos uma volta e estacionávamos no mesmo sítio [risos].

Mais tarde, aos 18 anos, partiu para o Zaire, 'arrastada' numa nova missão diplomática... Também encarou bem a partida?

Nesse caso a barra já foi mais pesada. Tinha criado muitos laços, vivido os primeiros amores, as primeiras desilusões... Custou-me muito.

1. Ao colo do pai, António-Pedro Vasconcelos, durante as filmagens da longa-metragem *Oxalá*, nos anos 70
2. Ainda criança, na ex-Jugoslávia



NUNCA TINHA visto um charro. A única droga que conhecia era cola. Latas de cola. Mas nunca tive a tentação de experimentar

Nunca tinha visto um charro. A única droga que conhecia era cola. Latas de cola. Mas nunca tive a tentação de experimentar. Lembro-me de irmos para um descampado, eu e uns amigos, e de nos sentarmos em círculo. O mais rebelde era o meu namorado. Era o líder, aquele que abria a lata. E eles iam cheirando. A visão do estado em que ficavam fazia-me pensar que não precisava daquilo. Não queria fazer aquelas figuras.

Não lhe passou pela cabeça não ir para o Zaire e vir para Portugal?

Não. Sou completamente aventureira. O meu verbo é ir

Sentiu revolta?

Esse é um sentimento que não faz o meu género. Até aos 18 anos a minha mãe nunca me deixou chegar a casa depois da meia-noite e não houve uma única vez em que me sentisse revoltada com isso.

Ficou por conhecer a noite de Belgrado...

[Risos]. Não, porque, naquela altura, meia-noite já era bastante tarde. Estamos a falar dos anos 80, num país de Leste, onde as drogas...

Como foi aterrar no Zaire?

Lembro-me do calor, da humidade e do cheiro a terra batida. Quando saí do avião senti-me noutra planeta. Também me recordo das muitas mordomias... Havia criados para tudo. Eu não gostava daquele servilismo. Não tenho um pingo de racismo e toda aquela vassalagem fazia-me confusão.

Foi mais difícil a adaptação ao Zaire do que à Jugoslávia?

Muito mais. No Zaire não me sentia livre, era sempre vista como a filha do embaixador. No fundo era uma mini-diplomata, na qual não se podia tocar. Queria, por exemplo, ter uma moto, só que o Álvaro achava que a filha do embaixador não devia ter uma. Mas lá consegui.

Fez birra?

Não sou desse género. Escrevi-lhe uma carta a dizer que o amava muito e que a coisa que eu mais queria no mundo era a moto. Ele acabou por ceder.

É manipuladora?

Boa provocação. Eventualmente serei um bocadinho, mas não no mau sentido. Todos somos manipuladores de certa forma. Temos sempre que manipular para conseguir o que queremos, mas não sou capaz de fazer mal aos outros. →

Na Jugoslávia e no Zaire correspondia-se com o seu pai?

Sim. Vinha a Portugal no Verão e no Natal e, no resto do ano, comunicávamos por carta. Ainda guardo essas cartas. E ainda tenho a moto [risos].

Era emocionante o momento da chegada do correio?

Era. Pegava na carta e ia lê-la para a cama. Mas não me dava para chorar com saudades. Não sou uma pessoa muito dada ao sofrimento.

E nunca teve daquelas explosões contra o padrasto, típicas de algumas filhas de pais divorciados?

Não. Nunca fui uma miúda que mandasse bocas. Sou muito independente, muito deter-

minada e senhora do meu nariz, mas não sou rebelde.

O seu pai teria ciúmes de Álvaro Guerra, por ser ele a acompanhá-la?

Penso que não... Estou agora a lembrar-me de uma mensagem muito bonita que ele me mandou há uns tempos. Foi num dia em que saiu um artigo no *Público* sobre mim. Eu mostrava um telefone muito antigo, do meu tempo na Jugoslávia, que pintei de um azul forte, e no qual fiz grandes telefonemas. A mensagem dizia [pega no telemóvel]: 'Lindo o texto na *Pública*. Vou descobrindo coisas sobre ti pelos jornais. Perdi muito da tua infância e da do Pedro. De vez em quando vou percebendo o que perdi.'. Isto é de um pai maravilhoso.

NÃO HAVIA ninguém a fazer castings. Percebi que estava ali um nicho de mercado a explorar

nascido do complexo de Electra [risos], porque ele tinha a figura do meu pai. Era altíssimo. Quis ir viver com ele e sair de casa.

Era paixão ou queria apenas sair de casa?

Era paixão. O Bruno fez de mim uma mulher muito feliz. Queria ir viver com ele, mas não me passava pela cabeça casar. Só que o Álvaro Guerra disse: 'Nem pensar. Filha de embaixador não vai viver com um homem sem casar. Só se forem para outro país.'. Chorei muito, até que a minha mãe entrou no meu quarto, sentou-se na cama e sugeriu: 'Por que não se casam? É só um papel.'. Assim foi. Fizemos um mega casamento na embaixada e fomos viver para um apartamento em frente.

Já trabalhava na Lufthansa, como hospedeira de terra, quando se casou?

Não. Fui para a Lufthansa logo a seguir. Depois, quando a minha mãe e o Álvaro foram para a Índia, decidi vir para Portugal com o Bruno. Tinha 23 anos.

Ainda antes disso, acabou o liceu no Zaire?

Sim. Fiz o último ano numa escola portuguesa em Kinshasa.

Nunca lhe passou pela cabeça ir para a universidade?

Não, porque nunca tive uma vocação que quisesse verdadeiramente seguir. A minha única paixão era a dança. Cheguei a ter aulas em Lisboa e na Jugoslávia e, no Zaire, dei aulas a miúdos. Quando voltei para Portugal comecei à procura de emprego. Comprava o *Diário de Notícias* e respondia a anúncios. Andei nisto até que um amigo do meu pai disse que estava a organizar uma feira de

moda e que precisava de uma secretária. Fui pau para toda a obra e trabalhei de manhã à noite. Recordo-me de sonhar com o teclado da máquina de escrever. A obsessão com aquele trabalho foi de tal ordem que não me dediquei ao Bruno como devia.

Isso levou à ruptura?

Sim. Um dia ele teve uma atitude da maior dignidade possível. O porteiro do Fórum Pi-



3. A servir de modelo numa sessão fotográfica, quando vivia no Zaire
4 e 5. Numa viagem de barco e num espectáculo de dança, com cerca de 17 anos
6. A vestir Lurdes Norberto durante as filmagens de *Aqui D'El Rei*

Essa mensagem, hoje, fá-la chorar como as cartas não faziam?

Faz-me ficar com os olhos húmidos, claro. Fico muito babada. Hoje aproveito todos os momentos com ele.

Voltando ao Zaire. Foi lá, aos 18 anos, que se apaixonou pelo seu primeiro marido...

Sim. Era belga. Fazendo uma psicanálise caseira e barata, talvez esse amor tivesse

coas – onde eu estava a trabalhar – ligou-me a dizer que tinha uma carta na recepção. Era do Bruno e dizia: ‘Não quero atrapalhar a tua vida e já percebi que não há espaço para mim. Vou-me embora.’. Naquele instante pensei: ‘Merda! O que faço? Abandono isto e vou a correr atrás dele? Ou será que isto é mais importante?’. Achei que devia ficar quieta. Provavelmente ele apanhou o avião nesse mesmo dia.

Essa despedida por carta não a deixou magoada?

Não. De forma alguma. Ele, provavelmente, durante muito tempo, tentou falar comigo. Mas eu estava tão obcecada, que não devo ter percebido nem dado oportunidade. Não tenho um pingão de rancor em relação ao Bruno. Só admiração. Tempos depois, recebi um telefonema da Teresa Ricou. Dizia que estava com um tipo chamado Bruno, que queria ficar com a exploração do restaurante do Chapitô e que a única referência que tinha era que tinha sido casado comigo. Esta história é absolutamente linda.

Cinematográfica.

Completamente.

Passaram quantos anos entre a despedida e esse telefonema?

Talvez dois.

Nesses dois anos o silêncio foi absoluto?

Que me lembre sim, mas as memórias são selectivas. E claro que terá havido um ou outro contacto por causa do divórcio.

Hoje têm uma relação próxima?

Somos super-próximos. Agora ele foi para Madagáscar viver com outra Patrícia, que é um amor de pessoa. E eu acabei com o meu complexo de Electra. Hoje acho que os homens pequeninos têm muito mais charme [risos].

Depois da feira de moda, dá-se a sua entrada no cinema – com o filme *Aqui D’El Rei*, realizado pelo seu pai –, que a levará ao mundo dos *castings*...

Exactamente. Era um filme de época, com um orçamento enorme. Fui falar com o produtor francês e ofereci-me para trabalhar. Ele pôs-me como motorista. Comecei, em 1988, a descobrir os sítios onde o filme ia ser filmado. Todos os dias conduzia o produtor e o meu pai. Depois fui trabalhar para o guarda-roupa. Foi uma coisa de loucos. Estamos a falar de um filme de época, com 500 figurantes. Se era para filmar às 08h implicava começar a vestir os figurantes às 05h. E no fim ainda havia que arrumar

NÃO POSSO ver um filme e ter a sensação: ‘Gaita! Não me lembrei deste para aquele papel’. Nesse dia mudo de profissão

tudo. Foi escravatura, mas aprendi muito.

Foi durante as filmagens que se deu o *click* dos *castings*?

Sim. O meu pai queixa-se do tempo que perdia com os actores que faziam papéis mais pequenos. Era preciso estar sempre a repetir as cenas. Não havia rigor na escolha, porque de facto não havia ninguém a fazer o *casting*. Percebi que havia ali um nicho de mercado e essa ideia ficou a germinar.

Também foi durante a rolagem que se apaixonou por Nicholas Oulman [filho do compositor Alain Oulman], que viria a ser pai do seu filho mais velho...

Ele era o segundo assistente de realização. Apaixonámo-nos e começámos a viver juntos. Quando o pai dele morreu fomos para Paris. Aí aproveitei para fazer uma profunda

pesquisa sobre a actividade dos *castings* e havia um nome recorrente: Margot Capellier. Era a rainha dos *castings* em França – morreu há dois anos, já com 90. Enchi-me de coragem e telefonei-lhe. Recebeu-me na sua produtora, com umas meias todas rotas – era uma personagem assim gorducha e baixinha – e sem sapatos. Eu tinha posto a minha melhor roupa e transpirava por todos os lados. Expliquei-lhe que estava a pensar dedicar-me aos *castings*. Ela ouviu e perguntou: ‘Conheces o Luís Miguel Cintra?’. Disse-lhe que sim. ‘Conheces a Maria de Medeiros?’. Sim, também conhecia. ‘Conheces o...?’ E disse um nome que até hoje não me lembro qual era. Admiti que não. A resposta dela foi imediata. ‘Primeira regra dos *castings*: tens que conhecer todos. Todos.’. Levantou-se e mandou-me embora. Aquilo marcou-me até hoje. Não posso nunca ver um filme e ter a sensação: ‘Gaita! Não me lembrei deste para aquele papel.’.

Por vezes acontece-lhe?

Não. No dia em que isso me acontecer mudo de profissão. A obsessão é tal, que passo todos os actores em revista antes de avançar.



Saiu do encontro com Margot Capellier com a noção clara de que queria apostar nos *castings*?

Absolutamente. Depois disso, eu e o Nicholas ainda ficámos mais uns dois meses em Paris, regressámos a Portugal e tivemos um filho maravilhoso, que é o Thomas. A determinado momento, o Nicholas foi estudar cinema para os Estados Unidos e deu-se a separação.

O Thomas tem com o pai uma relação próxima?

Tem, apesar de o Nicholas só ter voltado quando o Thomas tinha oito anos. Até aí só se viam três vezes por ano.

Aconteceu com o seu filho o mesmo que aconteceu consigo...

Completamente. O Thomas tinha seis meses quando me separei do pai dele. Tal e qual como eu.

Regressada a Portugal, entra verdadeiramente a sério nos *castings*...

Sim. Em 1989. Mas no primeiro ano foi necessário todo um trabalho burocrático de organização da actividade. Em Portugal não havia directores de *casting* e os actores não tinham currículos, nem fotografias. Como precisava de qualquer coisa para mostrar aos realizadores, passei muito tempo a organizar sessões fotográficas à borla. →

Nesse início de profissão, o facto de ser filha de António-Pedro Vasconcelos ajudou ou prejudicou?

Durante os primeiros anos dificultou-me a vida. Os meus clientes eram realizadores que me conheciam desde pequena e, por isso, levavam-me pouco a sério. Ainda por cima ninguém via os *castings* como

algo importante. Os actores eram escolhidos atirando nomes para o ar. Quando fui registar a minha empresa, o tipo das finanças perguntou-me: 'Karting?' [risos]. Depois, aos poucos, fui-me afirmando.

Hoje é imediato olhar para um aspirante a actor e perceber que há ali qualquer coisa?

Sim. Depois de 20 anos de profissão consegue-se olhar e perceber quando alguém tem algo para dar. O olhar não pode ser vazio. Tem que ter vida. O meu pai diz que um olhar tem que mostrar se o actor já viveu uma guerra civil. Essa guerra civil pode ser um desgosto de amor; qualquer coisa. Experiência de vida.

Já trabalhou com o seu pai em vários filmes. É fácil?

É e não é. Inevitavelmente há um elo umbilical que interfere. Para o bem e para o mal.

Sente que tem alguma coisa a provar-lhe?

Isso já não, mas há sempre uma relação diferente. Ele tem uma liberdade de expressão que outros realizadores não têm. Tem mais liberdade para me criticar.

O inverso é verdade? Tem facilidade em criticar o trabalho dele?

Muita.

Sei que há uma história relacionada com um primeiro visionamento do *Call Girl*...

É verdade. O meu pai costuma primeiro mostrar os filmes a algumas pessoas para avaliar as reacções. Quando o vi pela primeira vez aquilo não me tocou como eu esperava. À noite pedi-me para ir jantar lá a casa e obrigou-me a pensar por que razão não me tinha tocado. Discutimos o filme cena a cena, actor a actor. Eu gostava de quase tudo, mas havia qualquer coisa que tinha feito com que eu não tivesse sentido aquele *click*. E, de repente, tive um *flash*. Era aquele final, não fazia sentido. Por obra e alma de quem é que, no final, o Mouros [Joaquim de Almeida] aparecia no avião? O final não era gratificante.

Já tiveram pegos um com o outro?

No *Jaime*, por causa dos putos. Ele chegou a pôr em dúvida que encontrássemos os putos que ele queria, mas eu nunca duvidei

O MEU PAI diz que um olhar tem que mostrar se um actor já viveu uma guerra civil

e tinha a certeza de que aqueles eram os ideais. E no *A Bela e o Paparazzo* – que ele está a filmar agora – também houve uma pequena discussão, até que eu bati com as mãos na mesa e disse: 'É o quarto filme que fazemos juntos. Diz-me um pequeno papel que te tenha proposto e que tenha corrido mal. Se conseguires eu baixo os braços.'. Quando insisto num actor corro um risco enorme e costumo pedir-lhes para que não me deixem ficar mal. Sei que sou capaz de 'vendê-los' aos realizadores melhor do que ninguém, por isso eles têm que me retribuir sendo bons profissionais.

Nunca sentiu que errou numa escolha?

Não. No dia em que isso acontecer juro que me retiro.



Numa cerimónia oficial, no Zaire

Não admite um erro?

Não é não admitir um erro, é ter brio em não errar. A questão é que há tanto dinheiro envolvido – e às vezes a carreira de um realizador –, que não se pode brincar em serviço. Faço tantos testes até escolher alguém que dificilmente cometerei um erro crasso. Quando dou o passo final, tenho que estar 100% segura.

Em 2000 fundou a Act, a sua escola de actores. Como nasceu esse projecto?

A ideia surgiu no início dos anos 90, quando me apercebi de que a única fonte de novos talentos era o Conservatório. O problema é que os actores não sabiam representar para uma câmara. Eram demasiado teatrais. Então, pensei que faltava uma escola que ensinasse a estar em frente às câmaras e desenhei o projecto com a minha maravilhosa

amiga, Elsa Valentim – que estava a acabar o Conservatório. Mas achámos que ainda não havia maturidade suficiente no mercado para o projecto vingar. Deixámo-lo na gaveta.

Até que...

Até que em Agosto de 2000 fizemos um célebre *workshop* de um mês – para nos testarmos a nós e ao mercado – no qual apareceu um grupo fantástico: Patrícia Tavares, Sofia Grilo, Pedro Granger, Pepê Rapazote, Ana Brito e Cunha, Paula Neves, Inês Castel-Branco... Aquele curso foi increditável e compreendemos que não fazia sentido andar a fazer *workshops* atrás de *workshops*. Fechámos durante seis meses, andámos a estudar o que se fazia na Europa e depois fundámos a escola. É um projecto absolutamente maravilhoso, embora seja a antítese do bom negócio.

Não dá dinheiro?

Nem pensar. Eu e a Elsa pomos dinheiro.

Nenhuma escola sobrevive só com 20 alunos, mas o mercado não absorve mais do que isso e não queremos formar pessoas para o desemprego.

Pode vir a dar dinheiro?

Basta que se pague a si própria. Não queremos ganhar dinheiro com a Act, para isso temos outras profissões.

E é possível pagar-se a si própria?

Sim, se tivéssemos um patrocínio.

Há muitos que procuram a Act tendo a fama como único objectivo?

Há, mas esses são logo apanhados ao virar da esquina [risos]. Não têm alma, só têm capa. Os candidatos têm de ter um dom, mesmo que ainda não o tenham descoberto, mas nós as duas conseguimos perceber e investimos neles.

É difícil dizer a alguém que não tem talento e que o melhor é dedicar-se a outra coisa?

Não consigo dizer isso com essa frieza. Há formas mais diplomáticas de o fazer.

A frieza não pode ser útil para abrir os olhos?

A própria vida acabará por tratar desse assunto.

O aspecto físico pode ser um factor eliminatório?

A boa imagem é essencial, mas é subjectiva. O importante é ter qualquer coisa. Ter a tal guerra civil no olhar.

Mas a verdade é que quase todos os novos actores, nomeadamente nas telenovelas, são atraentes...

Isso é nas telenovelas. Mas, de certa forma, percebo isso.

Quando vemos televisão ou cinema, gostamos de ver coisas bonitas. É verdade que ser bonito é meio caminho andado para entrar no mercado.

Isso não é perverso?

Do ponto de vista de um canal privado de televisão, é a lei do mercado.

E do ponto de vista artístico?

Acho errado que não se dê primazia ao talento. Claro que o ideal é juntar as duas coisas. É impossível, por exemplo, ter um actor com os dentes estragados. Mas hoje estamos a assistir, mundialmente, a uma tendência muito positiva. Já não é necessário ser uma diva para conseguir um lugar na indústria. A *girl next door* tem cada vez mais oportunidades.

Foi na época da fundação da Act que se apaixonou pelo seu segundo marido e pai da sua filha...

Eu sou assim, é tudo de uma vez [risos]. O André foi, aliás, um dos sócios fundadores da Act. O seu apoio foi fundamental durante os dois anos que passei numa dedicação exacerbada à Act.

Terá sido essa dedicação ao trabalho que levou ao segundo divórcio, tal como aconteceu no primeiro casamento?

Se calhar... Querem ver que tenho que deixar de trabalhar [risos]?

Além da filha que nasceu desse casamento, houve um bebé que perdeu aos três meses de gravidez...

É verdade.

Foi um aborto espontâneo?

Foi. Estava a fazer um *casting* para um filme espanhol e lembro-me como se fosse hoje. Chorei compulsivamente e pensei: 'Por que será que o meu corpo não aguentou este bebé?'. Foi a Natureza que não quis.

Chegou a pensar que se não tivesse insistido para ficar no *casting* até ao fim...

...Não, não. Foi a Natureza que não quis.

Esse filho tem um nome?

Elvis. Passei a chamá-lo assim quando estava grávida, por causa do filho do [Roman] Polanski. Numa noite o Polanski e a mulher – a Emmanuelle Seigner, que estava cá a filmar com o meu pai – estavam a jantar lá em nossa casa. Tinham um filho que se chamava Elvis. Achei o puto incrível, o nome incrível e já imaginava o meu... Depois tudo aquilo foi muito duro. Fiz todo o processo de parto. Durou dois dias, com a minha médica a acompanhar-me e uma grande amiga ao meu lado. Não queria uma

raspagem, queria que saísse por si. Tive as dores de parto, primeiro saiu uma parte e, no dia seguinte, a placenta. Sei que ele, o Elvis, está por aí. De vez em quando vem-me assim um baque, quase como se o sentisse passar. Nesses momentos paro e choro. É uma coisa muito estranha.

É uma pessoa mística?

Tenho o meu próprio misticismo, uma espécie de crença mística no Universo. Acredito que o Universo nos atira coisas. Imagino sempre uma nuvem com muitas crianças a olhar cá para baixo e uma delas a dizer: 'Quero aquela família e vou parar àquela barriga' [risos].

Foi no dia do segundo casamento que cantou em público pela primeira vez, numa espécie de declaração de amor...

Foi um presente que decidi oferecer ao André. Tive um impulso, contactei uns músicos e estive três meses a preparar-me. Ninguém sabia de nada. Depois, o meu pai foi ter comigo e disse: 'Cantaste um tema que estou a pensar pôr n'Os Imortais'. Era o *Isn't it a Pity*. Foi uma forma subtil de me dizer que gostaria que eu cantasse no filme. Os elogios dele nunca são muito directos

Foi por isso que decidiu ir ter aulas para o Hot Clube?

Sim. Candidatei-me e o André deu-me imensa força para começar a cantar e investir numa carreira.

Quando decidiu gravar o primeiro álbum [Se o Amor Fosse Só Isso, editado em 2007]?

Antes disso decidi fazer o primeiro concerto, num bar, instigada pela minha professora. Fui falar com o Gil do Carmo ao Speakeasy, ele lá disse que sim e enchi-lhe a casa. Foi uma coisa absolutamente extraordinária. Os três canais de televisão, as revistas... Todo um aparato de estrela [risos]. A partir daí foi germinando a ideia de gravar; conheci o Nanu Figueiredo e propus-lhe que fizéssemos um disco.

Pensa que tem talento como cantora?

Acho que tenho qualquer coisa para dar. Sou generosa e comunico com o público. Sinto que consigo tocar quem me vê e não me envergonho daquilo que faço. As coisas estão a acontecer da forma que idealizei, sem grande sururu. Quero testar-me e não dar

TENHO JEITO para viver e estou sempre disponível para a vida. Sou uma sempre-em-pé

um passo maior do que a perna. **É no jazz que se sente mais à vontade?**

Completamente. Mas ainda não sei se o próximo projecto musical será jazzístico.

Castings, Act e música. Não tem medo de não se estar a dedicar a 100% a nenhuma das actividades?

Tenho pena de não me poder dedicar mais à música. Mas mesmo assim estudo muito, es-

tou sempre a pesquisar coisas novas e vou cantando de 15 em 15 dias. Mas claro que gostava de ter tempo para investir mais na música. Nos *castings* não posso dizer isso. Estou sempre com um projecto atrás do outro.

É caro encomendar-lhe um *casting*?

Depende do orçamento da produção. Há a ideia no mercado de que sou cara, mas é uma ideia errada. Muita gente ainda não percebeu a importância do *casting*. Além do investimento diário que tenho que fazer para me actualizar, um *casting* de uma longa-metragem pode levar meses. Mas se houver um puto que não tem orçamento e que quer levar para a frente um bom projecto, sou a primeira a trabalhar à borla.

Diz que se sente pouco portuguesa na maneira de ser. Porquê?

Não pratico o queixume – o vai-se andando é uma coisa que me dá cabo da cabeça –, não sou invejosa – que é outra característica muito portuguesa –, prefiro o '*Ijubim te*' do que o '*amo-te*' [risos] e nunca olho para o lado negativo das coisas.

É por isso que diz que tem jeito para viver?

Tenho muito jeito para viver. Vivo muito intensamente. Acordo de manhã e a primeira coisa que faço é reparar que estou viva e que tenho todos os sentidos a funcionar. Nunca me deixo ir muito abaixo, mesmo já tendo levado muita porrada da vida. Sou uma sempre-em-pé. Mas é claro que às vezes também me canso de ser forte.

Por vezes sente necessidade de ser mais protegida?

Mais abraçada.


Os seus casamentos não duraram muito...

...Duraram o que tinham que durar. Mas não os considero casamentos falhados. E os meus filhos são a minha prioridade. Saudáveis e miúdos incríveis.

O seu álbum chama-se Se o Amor Fosse Só Isso. Amar é complicado?

Não, o amor dá é muito trabalho [risos].

Ainda acredita no casamento?

Claro que acredito. Estou sempre disponível para a vida. O que está para vir é sempre o melhor: 

CHOREI e pensei: 'Por que será que o meu corpo não aguentou este bebé?'. Foi a Natureza que não quis